

**03 - MANIFESTAÇÕES RACISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NA ESCOLA**Prof<sup>o</sup>. Ddo. RONILDO NEUMANN PASTORIZA  
Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. MICHELE ANDRÉIA BORGES

doi:10.16887/90.a1.3

Universidade Internacional Iberoamericana - UNINI - México  
[ronildonp@ubi.net](mailto:ronildonp@ubi.net)**INTRODUÇÃO**

Este artigo abordou a questão do racismo e do preconceito racial nas aulas de educação física em uma Escola Municipal de Porto Alegre, localizada no bairro Lomba do pinheiro, considerado um dos bairros da cidade com maior percentual de contingente afrodescendente. Este estudo é parte integrante do Projeto da Tese de Doutorado do autor junto a Universidad Internacional Iberoamericana do México -Unini Mx- e que já teve trabalho de pesquisa na Dissertação de Mestrado do autor na Universidade Luterana do Brasil -ULBRA-.

A relevância deste estudo surgiu a partir da atuação do autor, na Direção e, também como coordenador da disciplina de educação física, na escola acima identificada. Durante este mandato de Diretor Escolar, muitas inquietações foram surgindo, mas a mais relevante surgiu a partir da reclamação dos alunos afrodescendentes, que se sentiam incomodados, agredidos e desconfortáveis, quando a eles se referiam por apelidos étnico-raciais, muitos com cunho pejorativo: negão, macaco, asfalto, pneu, ou ainda mais cruéis quando se referiam ao seu fenótipo: Cor da pele (branca de neve, azul, etc.) e até mesmo ao seu aspecto geral: Cabelo (pixaim, bombril, molinha, etc.). Em alguns casos também foram referidas humilhações que se referiam a sua sexualidade, ancestralidade e religiosidade). Sobre estes fatos, Paulo Vinicius Baptista da Silva (2008) coloca que esses apelidos étnico-raciais “são preconceitos que ocorrem dentro da escola e tem como finalidade a hostilidade e a desqualificação da identidade racial do Outro”. (SILVA, 2008, p.93).

Esses fatos foram denunciados nas aulas de educação física, mas na verdade ocorrem em todas as disciplinas e em todas as dependências da escola e por se tratarem de casos de racismo, que ocorrem de maneira velada ou explícita, podemos enfatizar que está capilarizado por toda a sociedade brasileira, que historicamente, tem agido em várias facetas, com a intenção de discriminar e denegrir ainda mais a já baixa autoestima dos alunos negros. Sobre isso, fazendo um contraponto, o antropólogo Munanga considera que, na prática, a escola acaba reforçando as situações de racismo e “na maioria das vezes os professores não estão preparados para lidar com as diferenças e que inclusive muitos deles se mostram predispostos a não esperar o melhor resultado do estudante negro e pobre”. (MUNANGA, 2005, p.14).

Os alunos agressores usavam como desculpa que eram simples “brincadeiras”, pois afinal todos eles eram “amigos” e muitos eram também “negros”, mas na verdade os apelidos étnico-raciais não são brincadeiras entre colegas, mas sim formas veladas do racismo agindo na escola e na sociedade.

O objetivo deste estudo é orientar a escola sobre as manifestações de racismo e preconceito racial que permeiam as relações sociais, dirigidas aos alunos negros e quando referidas a cor da pele, causando desconforto, sofrimento ou humilhação. Essas manifestações, como já nos referimos anteriormente, podem ser diretas ou muito sutis.

A metodologia utilizada neste estudo, será qualitativa, pois entendemos que ela proporcionará um contato maior com a realidade. Para isto nos apropriamos de dois instrumentos de pesquisa: primeiro, uma entrevista oral com os alunos envolvidos (abusador e vítima), e segundo, uma observação direta nos espaços de relações cotidianas desses alunos (pátio, corredores, intervalos, sala de aula). A conclusão deste estudo, após amplos debates sobre esta temática, que envolveu alunos, professores, pais e funcionários, mostrou que o diálogo entre as partes envolvidas, é o principal caminho para a conscientização dos abusadores frente aos afrodescendentes. Ficou combinado em uma decisão pedagógica da escola que, no momento em que o professor ouvir alguma manifestação preconceituosa, deve paralisar sua aula e iniciar uma reflexão coletiva, salientando que a maioria da população brasileira é de origem africana, que num processo de miscigenação, formaram a população brasileira e portanto práticas discriminatórias são formas hediondas de comportamento que devem ser combatidas com diálogo e reflexão.

**ESTUDANDO O RACISMO NO BRASIL**

Para entendermos a questão abordada neste artigo que versa sobre o racismo e o preconceito racial nas aulas de educação física, mas como já colocamos anteriormente, ocorrem em todas as disciplinas e está enraizado em toda a rede escolar e em toda a sociedade brasileira é importante entender os complicados processos que imbricam na discriminação e no preconceito racial que os afrodescendentes sofreram e continuam sofrendo na escola, mesmo decorrido várias décadas desde a promulgação da abolição da escravatura no Brasil em 1888. Para isso, faremos uma abordagem sobre os aspectos históricos do racismo no Brasil. Segundo Nascimento (2003), durante muito tempo da existência da história do Brasil, os afrodescendentes constituíram a imensa maioria da população.

Em 1872 o censo governamental revela existir mais de seis milhões de pretos e pardos contra 3,8 milhões de brancos. Escravizados, os negros se tornaram a mão-de-obra fundamental para a produção da riqueza do Brasil entre os séculos XV e XIX. Pressionada pelas nações europeias, principalmente pela Inglaterra, no final do século XIX, a elite intelectual brasileira, adepta dos ideais iluministas, passou a condenar o sistema colonial e o trabalho escravo. A intenção principal era mostrar que a escravidão violava o direito natural, pois investigações biológicas comprovavam a “humanidade dos negros africanos”. Todavia pertencer à categoria humana não significava posição de igualdade. Junto com o desejo de emancipação dos escravos, estavam embutidos aspectos da diferença e hierarquia entre as raças. Para as elites intelectuais nacionais, juntamente com a questão da abolição, estava o problema da suposta inferioridade biológica inerente à raça negra. Sobre isso, Rocha (2007) ressalta que conciliar a ambição de tornar o Brasil semelhante às grandes nações europeias se a sua população era majoritariamente de mestiços e negros, se tornou um grande problema para essas castas sociais privilegiadas.

Os discursos da população estrangeira que visitava o Brasil na primeira metade do século XIX, pretendiam amenizar a escravidão brasileira e a ausência de preconceito, reforçando a incapacidade da população negra. Nesta leitura, a precariedade das condições de vida dos negros devia-se a sua própria incapacidade de progredir, ou seja, o negro era culpado de sua própria desgraça. Ao estudar os relatos de viagem de europeus que estiveram no Rio Grande do Sul, no século XIX, Maria Angélica Zubaran (2004) resgata as imagens que esses viajantes faziam do sul do Brasil para o imaginário europeu. A autora destaca que além da imagem do “mito da democracia racial” representada pelas relações cordiais e harmônicas entre senhores e escravos dentro de uma visão paternalista, em que os negros eram “representados por escravos criança”, dependentes dos cuidados e sob a guarda dos senhores governantes. “Colocaram-se em circulação discursos que serviam para marcar a distância cultural entre o europeu e o afro-brasileiro” (Zubaran, 2004, p.48).

Para Munanga (1999) a abolição da escravatura deu ao negro a posse de si, mas eles continuaram a ser vistos como um entrave para o progresso da nação brasileira. A noção da democracia racial diz que a nação brasileira oferece a todos os seus cidadãos, negros, pardos ou brancos, igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida pública e um convívio harmonioso, livre do racismo e da discriminação racial. Conforme as autoras, esse discurso da democracia racial contribuiu para

camuflar o racismo e encobrir as desigualdades e os conflitos étnico-raciais na sociedade brasileira. Salientaram também, a centralidade do discurso do branqueamento, construído pelas elites brasileiras na passagem do século XIX para o século XX, em que as elites políticas nacionais acreditavam ser possível branquear a população, promovendo a imigração europeia e supondo que, num processo de mestiçagem, fossem prevalecer as características da "raça branca". Ainda segundo as autoras, o critério da branquidade estabeleceu-se como norma e padrão de comportamento no Brasil, com efeitos perversos sobre a cultura e as identidades negras.

### **A EXCLUSÃO DO DIREITO NEGRO A EDUCAÇÃO**

As famílias negras cansadas de anos de discriminação e preconceito, entendiam que o caminho para uma possível ascensão social, passava pela educação. O papel das organizações negras era mostrar para a sociedade branca que os negros eram tão capazes quanto os brancos para se integrarem aos padrões de comportamento dito civilizado (Domingues, 2007, p.97). É nesse período do desenvolvimento do Brasil que se tem a consciência de que o país não era uma democracia racial, com a qual as elites brancas queriam que todos acreditassem. A negação ao direito negro a educação persiste até os dias de hoje. Ela está presente na invisibilidade do protagonismo negro na escola, com exceção do mês de novembro, dedicado a Consciência Negra, onde então o povo negro é exaltado por suas virtudes e suas personalidades de destaque, principalmente, por exemplo, aquelas consagradas pela mídia, ligadas a política, a música e aos esportes. O negro continua a ser retratado pelos livros didáticos em condições de cativos e vivendo em condições subumanas.

Os governantes tentam amenizar esta discriminação com Ações Afirmativas, como as cotas raciais, que muitas vezes acentuam ainda mais o racismo institucional. A promulgação de Leis Federais, como a 10.639/03, tornou-se um marco na luta do Movimento Negro, diante da persistente discriminação racial contra o povo negro e seus descendentes no sistema de ensino brasileiro, através da implementação nos currículos das escolas brasileiras, do estudo da história do continente africano e dos próprios africanos, da luta dos negros no Brasil e da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Quando afirmamos neste estudo, que os apelidos étnico-raciais se tornaram uma prática cotidiana nas escolas brasileiras, não estamos destacando uma única prática perversa, mas retratando uma constatação histórica de desconstrução da identidade negra. Os apelidos não são simples brincadeiras, mas formas de agir do racismo, onipresente e forte. Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais. O fato de rotular uma pessoa pejorativamente, com relação a cor de sua pele, a seus traços fenóticos, a seus atributos físicos ou a forma de seus cabelos é uma tentativa consciente ou inconsciente de perpetuar o racismo, não só nas instituições escolares, mas em toda a sociedade brasileira.

### **TRABALHANDO A AUTOESTIMA DO ALUNO NEGRO NA ESCOLA**

Para Gomes (2007), a identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do "outro" para ele. Por isso podemos entender que o processo identitário é tanto individual como coletivo e sempre engendra instâncias conflituosas. A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai socializar. Logo, a identidade do negro está intrinsecamente ligada à sua relação com seu próprio corpo, no qual foram inscritos, ao longo da história, valores e crenças negativas que tendem a depreciá-lo.

O corpo se destaca, assim, como veículo de expressão de opressão, que constrói no indivíduo diversos sentimentos contraditórios como rejeição, negação, sofrimento, dor, aceitação, resistência, mas também, felicidade. Foi pensando nesta aceitação positiva, que várias entidades sociais brasileiras, entre elas o Movimento Negro, principalmente no meio acadêmico, desde a década de 1970, vem construindo novos padrões de beleza, que valorizam o corpo negro, para combater o racismo. Ao contrário do que antes acontecia, pois procurava-se embranquecer para combater o racismo, hoje a estratégia é enegrecer o corpo e não somente para demarcar a diferença de maneira positiva, mas também para fortalecer a identidade negra.

O "estilo afro" incorpora elementos africanos para produzir beleza negra baseada agora em uma determinada noção de africanidade que imagina e recria a própria África no Brasil. O cabelo crespo, as roupas e acessórios, a aparência física carregam essa africanidade, reconstruindo a aparência e o orgulho de ser negro no Brasil, de modo positivo.

Percebemos como corpo negro se recria e se ressignifica ao longo da história na sociedade brasileira. Sendo ao mesmo tempo produtor e fruto da identidade negra, o corpo negro não marca a vida social do povo somente de maneira negativa, estigmatizada, que manifesta sentimento de sofrimento e dor, pois também marca a luta por reconhecimento, resistência e beleza, que traz alegria, satisfação e autoestima. O corpo negro hoje se encontra como instrumento da construção e recriação não somente da cultura afro-brasileira, mas também da cultura nacional, não a que privilegiava um país miscigenado culturalmente, e sufocava e inferiorizava a cultura negra, mas a que tenta construir, a exemplo da valorização da estética negra, um país multicultural, entendendo e respeitando a diversidade étnico-racial aqui existente.

A beleza negra e principalmente os cabelos negros, receberam atenção especial nas matrizes de cultura africana no Brasil e em especial, nas culturas de origem banta. Em conjunto com o rosto, os cabelos definiam a pessoa e o grupo a que pertencia. É um complexo sistema de linguagem que pode indicar posição social, identidade étnica, origem, religião, idade. Através dos cabelos é possível resgatar memórias ancestrais. O negro é lindo! Esta era uma das premissas do movimento Black Power, surgido dos Estados Unidos em 1960, na luta pelos direitos civis dos negros. Este movimento se espalhou e conseqüentemente também chegou ao Brasil. Adornos multicoloridos, tranças, dreads e blacks, garantem um visual muito bonito. Mas vai muito além da procura pela beleza. Assumir o gosto e o respeito pelas diferentes formas da estética negra sinaliza um pertencimento e um orgulho dessa herança.

O corpo é o mais sagrado e completo instrumento de comunicação nas culturas africanas e afro-brasileiras de matriz banta. A linguagem corporal é compreendida tão claramente que a roupa não deve inibir nem privar seus movimentos, pois isso seria contra os princípios divinos. Assim como o corpo, a roupa mantém uma relação muito íntima com o sagrado. O negro não se veste, simplesmente. Por trás de cada gesto há um ritual que o mantém ligado à ancestralidade. Quando põe sobre o corpo ouro e metais; sementes e objetos de madeira, búzios, ossos, peles ou suas imitações, mesmo inconscientemente, está se conectando com os três reinos originais: o mineral, o vegetal e o animal.

### **OBJETIVOS**

O objetivo deste estudo é orientar a escola sobre as manifestações de racismo e preconceito racial que permeiam as relações sociais, dirigidas aos alunos negros e quando referidas a cor da pele, causando desconforto, sofrimento ou humilhação. Essas manifestações, como já nos referimos anteriormente, podem ser diretas ou muito sutis. Também teremos como objetivos específicos estabelecer o modo de atuação docente e da própria escola com relação aos casos concretos de racismo e preconceito racial que venham a ocorrer, não somente nas aulas de educação física, mas em todas as disciplinas letivas da escola investigada e também propor metas e ações para a escola valorizar a autoestima dos alunos negros, não

somente no mês de novembro por ocasião do Mês da Consciência Negra, mas como protagonista em todos os meses do ano.

### **METODOLOGIA**

Para proporcionar um melhor entendimento e um contato maior com a realidade, utilizaremos uma metodologia qualitativa. Para obtenção de dados que criassem subsídios para verificar o problema desse estudo, que aborda a questão dos apelidos étnico-raciais, não como simples brincadeiras, mas como manifestações de práticas discriminatórias, utilizamos dois instrumentos de pesquisa. No primeiro, trabalhando em conjunto com o Serviço de Orientação Escolar, realizamos entrevistas orais com os alunos que tinham registro de ocorrências raciais no SOE. No segundo instrumento, passamos a monitorar os espaços escolares que retratavam as relações cotidianas desses alunos (pátio, corredores, intervalos, sala de aula). No primeiro instrumento, encontramos o registro de onze alunos que relataram sofrer com apelidos étnico-raciais. Eram alunos do sétimo ao nono ano do Ensino Fundamental (seis meninos e cinco meninas), com idade entre dez e treze anos de idade. No segundo instrumento, investigamos ações espontâneas dos relacionamentos desses alunos. Ficou evidente, que realmente eram tratados de forma pejorativa, através de apelidos que faziam referências, a cor de sua pele, a seus cabelos ou a seus traços físicos. Os agressores sempre usavam situações que pudessem desvalorizar a autoestima dos alunos negros, algumas vezes de forma direta e explícita e outra em forma de simples "brincadeiras".

Uma vez constatado o problema deste estudo, passamos a ouvir os alunos envolvidos (agressores e vítimas). Numa primeira impressão, os abusadores não se sentiam culpados, pois justificavam suas atitudes como brincadeiras entre colegas. Ao ouvirmos as vítimas, muitas se sentiam culpadas por não serem brancas (sou feia, meu cabelo é ruim, meu nariz é grosso) justificavam elas. Vimos que a simples punição aos abusadores não resolveria o problema. O que realmente surtiu efeito foi um "diálogo" entre as partes conflitantes. Essa conversa teve efeito muito positivo para ambos os lados, pois passaram a entender que é errado abusar e é errado também se sentir culpado. A partir desse reconhecimento, inicia o processo de conscientização, que é muito mais eficaz que uma punição administrativa. Os alunos abusadores passaram a entender que suas atitudes não eram brincadeiras, mas sim formas de desqualificar racialmente os afrodescendentes, neste complexo e imbricado processo de atos racistas que agem na sociedade brasileira.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após abordarmos o longo período histórico do racismo no Brasil e a forma como ele está capilarizado na sociedade e por consequência nas escolas brasileiras, passamos a abordar essa questão no ambiente escolar. Uma das principais metas de professores e todas as demais categorias que atuam na escola é a de questionar a ausência do protagonismo negro nas escolas. A invisibilidade negra nos murais e cartazes das escolas, que só são destacadas em novembro por ocasião do mês da Consciência Negra, deve ser amplamente discutida e revista, pois a atuação negra deve estar presente em todo o ano e não restrita a um único mês. Como abordamos no capítulo referente a estética negra, esta e outras medidas devem ser estimuladas constantemente como forma de resgatar a autoestima dos afrodescendentes. Lembramos que mesmo após o período abolicionista o povo negro nunca adquiriu de fato sua liberdade e no ambiente escolar, isto se torna ainda mais relevante, pois sempre teve negado ou obstruído o seu acesso à escola. Aliás esta escola sempre foi pensada para uma elite dominante, branca e com ideais europeus.

Quando abordamos a questão dos apelidos étnico-raciais, na realidade estamos falando de racismo e preconceito racial. Colocar apelidos nas pessoas negras como "pelé", "muçum", "tição", "buiu", "macaco", "branca de neve", são apelidos pejorativos e estão agindo de forma perversa para desumanizar e desqualificar seres humanos. Também elogiar negros dizendo que são de "alma branca"; fazer piada de mau gosto usando termos como "coisa de preto" ou "serviço de preto"; querer agradar negros dizendo que é negro "mas" é bonito; apesar do cabelo ruim, é inteligente; usar eufemismo como "escurinho", "pessoa de cor", evitando falar a palavra negro; negar a ascendência negra do mulato, dizendo que não é totalmente negro, que é de "raça apurada"; usar as expressões como "limpar o sangue" ou "melhorar a raça" ao se referir à miscigenação; fazer comparações usando a cor branca como símbolo do que é limpo, bom, puro, e sem contrapartida, usar a cor preta representando o que é feio, sujo, ruim. Enfim, essa infinidade de exemplos são formas de como o racismo e o preconceito racial se difundem capilarmente, na sociedade brasileira.

A forma de atuação e combate a essas práticas, têm se tornado mais eficazes através do diálogo. Toda vez que o professor ouvir um insulto racista, deve imediatamente parar sua aula e abordar esta questão. Apelidos étnico-raciais não são simples brincadeira entre colegas, mas formas nefastas de atuação do racismo, explícita ou mascarada, agindo no ambiente escolar. A simples punição aos alunos infratores tornaram-se ineficazes, pois perante os demais alunos, estes saíam investidos, como um exemplo de liderança negativa. O que realmente surtiu efeito foi uma conversa franca com os envolvidos. Este diálogo tem como objetivo a busca da conscientização do aluno, que deve reconhecer que suas práticas nefastas, além de desqualificar os afrodescendentes, são formas perversas de manifestação explícita de racismo agindo no ambiente escolar.

### **CONCLUSÃO**

Os resultados mostraram que a simples punição aos agressores não resolvia o problema, pois muitos eram também de origem afrodescendente, e muitas vezes tinha efeito contrário, pois empoderava ainda mais os alunos. O que realmente surtiu efeito foi uma conversa franca visando sua conscientização, tanto com os alunos agressores, como também o diálogo com as vítimas, que em certas ocasiões se sentiam culpadas, por sofrerem essas discriminações. A escola também deve investir no orgulho da estética Afro, não só no mês da Consciência Negra em novembro, mas em todos os meses do ano, como forma de resgatar o orgulho e a autoestima dos alunos afrodescendentes (passou-se a falar da beleza negra, dos seus cabelos, do seu biótipo). Concluímos, reforçando a necessidade do diálogo entre as partes e enfatizando a importância da escola continuar fazendo sua parte, abordando temas polêmicos como o racismo, o bullying e as relações de poder, entre todos os segmentos da comunidade escolar, trazendo ao debate os malefícios que essas práticas acarretam para todos os alunos, mas especialmente aos de origem afrodescendente.

### **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF: 09 de Jan/2003
- GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro. In: Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos: Tempo. Rio de Janeiro: moderna,

2007.

MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental, 1999.

. Racismo na escola. MEC/SECAD. Brasília: SECAD 2005.

NASCIMENTO, E. L. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

ROCHA, Rosa M. C. Educação das relações étnico-raciais: Pensando referenciais para a organização da prática docente. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SILVA, P. V. B. Racismo em livros didáticos: estudos sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZUBARAN, M. A. Fixando identidades: representações étnico-culturais na imprensa negra porto-alegrense nas primeiras décadas do século XX. Projeto de Pesquisa apresentado para o Curso de História da Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2004.

**RACIST MANIFESTATIONS IN PHYSICAL EDUCATION AND SCHOOL CLASSES:** This study addressed the issue of racism and racial prejudice in physical education classes at a municipal school in Porto Alegre, RS. It is part of the final Project of the doctoral thesis of the author with Universidad Internacional Iberoamericana de México-Unini Mx- and its main objective is the ethno-racial approach in the school context. One of the main variables in this study is the question of ethnic-racial nicknames as a way of denigrating black identity, not only in physical education classes, but throughout the school, demystifying these nicknames as simple jokes among classmates and framing them as cases racism and prejudice. The racial question has been wellstudied in Brazil, mainly through the historical struggle of the Unified Black movement and black intellectuals that addresses this question. The methodology used in the researched school, after extensive debate and study with teachers, students, parents and Community in general, led us to the dialogical form, that is, whenever a case of racism, the teacher must stop his and discuss the topic, listening and talking to the conflicting parties. Studies have pointed out that simply punishing the offender did not solve the problem, as it often "empowers" the student even more. The dialogue remains the most effective way of discussing and combating these racist practices. The conversation with the discuss the topic, listening and talking to the conflicting parties. The results showed that dialogue remains the most effective way of discussing and combating these racist practices. The conversation with the offending student may trigger the processo raising awareness of the his or her disastrous attitudes, making him reflect that his practices are not jokes but rather forms of action of racism acting in the school environment.

**KEY WORDS:** Racism, Racial Prejudice, awareness.

#### **MANIFESTATIONS RACISTES EN ÉDUCATION PHYSIQUE ET EN CLASSES SCOLAIRES**

**RÉSUMÉ:** Cette étude a abordé la question du racisme et des préjugés raciaux dans une école municipale de Porto Alegre-RS. Il fait partie de la fin de l'auteur du projet de thèse de doctorat de Universidad Internacional Iberoamericana de México-Unini Mx- et vise à l'approche étnico raciale dans les écoles. L'une des principales variables des points d'étude de dete à la question des surnoms ethniques et raciales comme un moyen de dénigrement de l'identité noire, non seulement dans les cours d'éducation physique, mais dans toute l'école, démystifier, ces surnoms comme simples "blagues" entre collègues et les présenter comme des cas concrets de racisme et de préjugés raciaux. La question raciale a été bien étudiée au Brésil, principalement par la lutte historique du mouvement noir unifié et des intellectuels noirs pour résoudre ce problème. La méthodologie utilisée dans l'établissement de recherche, après de longs débats et études avec des enseignants, des élèves, des parents et la communauté en général, nous a conduits à la forme dialogique, c'est-à-dire que chaque fois qu'un cas de racisme ou de préjugés raciaux se produit. L'enseignant doit cesser leur classe et aborde la question, en écoutant et en discutant avec les parties en conflit. Des études ont montré que le simple fait de punir le délinquant ne résolvait le problème, puisqu'il <habilite> souvent plus encore l'étudiant. Les résultats ont montré que le dialogue reste le moyen le plus efficace de discuter et de combattre ces pratiques racistes. La conversation avec l'élève fautif peut déclencher le processus de sensibilisation à sa méchance, lui faisant penser que ses pratiques ne sont pas des plaisanteries, mais plutôt des formes d'action du racisme agissant dans l'environnement scolaire.

**MOTS-CLÉS:** Racisme, Préjugés raciaux, Sensibilisation.

#### **MANIFESTACIONES RACISTAS EM EDUCACIÓN FÍSICA Y CLASES ESCOLARES**

**RESUMEN:** Este estudio abordó la cuestión de los apellidos étnico-raciales em la escuela, teniendo como objetivo principal la desmitificación de esos apodos como simples "bromas" entre colegas. La cuestión racial ha sido bastante estudiada en Brasil, principalmente a través de la lucha histórica del Movimiento Negro Unificado y de autores negros que abordan esta cuestión. La metodología utilizada en la escuela investigada, tras un amplio debate con los alumnos, padres, profesores y comunidad escolar, fue la forma dialógica, o sea, cada vez que ocurra un caso de racismo o prejuicio racial, el profesor debe parar su clase y abordar el tema, oyendo las partes conflictivas. Los estudios apuntaron que el simple castigo al infractor no resolvía el problema, pues a veces "empoderaba" aún más al alumno. Los resultados mostraron que el diálogo sigue siendo la forma más efectiva de discusión y combate a esas prácticas racistas. La conversación con el alumno infractor podrá desencadenar el proceso de conscientización de sus nefastas actitudes, haciéndolo reflejar que sus prácticas no son bromas y sí formas de actuación del racismo actuando em el ambiente escolar.

**PALABRAS CLAVE:** Apellidos Étnico-raciales; Bromas; Racismo; Diálogo; La Conciencia.

#### **RACISMO E PRECONCEITO RACIAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RESUMO:** Este estudo abordou a questão do racismo e do preconceito racial nas aulas de educação física em uma escola municipal de Porto Alegre-RS. É parte do Projeto Final da Tese de Doutorado do autor junto a Universidad Internacional Iberoamericana do México-Unini Mx- e tem como objetivo principal a abordagem étnico-racial no âmbito escolar. Uma das principais variáveis deste estudo aponta a questão dos apelidos étnico-raciais como forma de denegrir a identidade negra, não somente nas aulas de educação física, mas em toda a escola, desmistificação esses apelidos como simples "brincadeiras" entre colegas e enquadrando-as como casos concretos de racismo e preconceito racial. A questão racial tem sido bastante estudada no Brasil, principalmente através da luta histórica do Movimento Negro Unificado e de intelectuais negros que abordam essa questão. A metodologia utilizada na escola pesquisada, após amplo debate e estudo professores, alunos, pais e comunidade em geral, levou-nos a forma dialógica, ou seja, toda vez que ocorrer um caso de racismo ou preconceito racial, o professor deve parar a sua aula e abordar o tema, ouvindo e dialogando com as partes conflitantes. Estudos apontaram que a simples punição ao infrator não resolvia o problema, pois muitas vezes "empoderava" ainda mais o aluno. Os resultados mostraram que o diálogo continua sendo a forma mais efetiva de discussão e combate a essas práticas racistas. A conversa com o aluno infrator poderá desencadear o processo de conscientização de suas nefastas atitudes, fazendo-o refletir que suas práticas não são brincadeiras e sim formas de atuação do racismo agindo no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo, Preconceito Racial, Conscientização.